

O MIGRANTE PARAGUAIO NA OBRA DO MEMORIALISTA CAMPO-GRANDENSE PAULO COELHO MACHADO*

*BRITEZ, Adriana Espindola**
PEREIRA, Jacira Helena do Valle****

Introdução

Esse artigo traz uma incursão sobre o migrante paraguaio retratado nas obras do memorialista Paulo Coelho Machado da coletânea intitulada “Pelas Ruas de Campo Grande”. Esse recorte faz parte do Projeto de Pesquisa Observatório de Educação, Migração e Memória: histórias de vida nas gerações de migrantes paraguaios em Campo Grande (Fundect/MS). Para construção do corpus de análise do artigo buscamos compreender as características e as condições em que o homem paraguaio foi descrito pelo memorialista em cinco obras. O referencial teórico adotado é a teoria da ação de Pierre Bourdieu. As análises das obras sinalizam à necessidade de trabalhar na Educação Básica com a desconstrução de imagens estigmatizantes em relação aos paraguaios, ou seja, é preciso associar a temática de pluralidade cultural além dos afro-descendentes e indígenas, também os latino-americanos, em especial, os paraguaios.

O presente artigo é um recorte do projeto de pesquisa Observatório de Educação, Migração e Memória: histórias de vida nas gerações de migrantes paraguaios em Campo Grande, financiado pela Fundect/MS e desenvolvido pelo Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação, Migração e Memória – GEPEMM/UFMS. Esse artigo analisa como o migrante paraguaio está retratado na coletânea do memorialista Paulo Coelho Machado.

Para a educação cabe a aproximação dos conteúdos trazidos nas obras de memorialista sobre acontecimentos que ouviu falar e que na maioria das vezes o autor foi protagonista, com o intuito de buscar elementos que perfure as impressões, as subjetividades e explicações imediatas, que se prendem aos elementos particulares sem relações com o universal.

Assim, esse artigo centrou o seu foco na coletânea de obras do referido memorialista, intitulada *Pelas Ruas de Campo Grande* (2006), essa publicação descreve a história das cinco principais ruas da capital, desde a fundação da cidade.

* O termo memorialista é empregado em referência a Paulo Coelho Machado com base em Arruda (1999), que se refere ao autor como memorialista.

** Acadêmica de Pedagogia/UFMS – Pesquisadora do GEPEMM/UFMS

*** Professora Doutora da Fundação Universidade Federal de Matogrosso do Sul (PPGEdu/GEPEMM/UFMS)

A coletânea faz parte da série Banco de Memórias, organizada pelo Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul, do qual o escritor foi um dos fundadores. A obra foi patrocinada pelo Governo do Estado de Mato Grosso do Sul por meio da Fundação de Cultura que no ano de 2008, reimprimiu a segunda edição da coletânea. A coletânea foi distribuída em muitas escolas municipais e particulares de Campo Grande no ano de 2009.

Para construção do corpus de análise do artigo buscamos compreender as imagens retratadas dos migrantes paraguaios na coletânea pelas impressões coletadas e interpretadas do passado pelo autor. Dessa forma, buscamos captar um saber que subjaz a narrativa textual, uma explicação das implicações envolvidas entre o autor e as relações sociais estabelecidas.

A base teórica para a análise histórico-social são as obras de autores da historiografia regional, bem como os estudos de Pierre Bourdieu, que nos direciona na compreensão do paraguaio e sua posição no espaço social por meio dos conceitos de campos, capital e produção simbólica, nos quais o autor concebe a realidade e as desigualdades sociais.

Nesse sentido, apresentaremos primeiramente a escolha pelo trabalho com um memorialista e a opção pela coletânea de Paulo Coelho Machado. Nos cinco tópicos seguintes realizaremos as análises nas obras: A Rua Velha, A Rua Principal, A Rua Barão, A Rua Alegre e a Grande Avenida, identificando as características principais e as referências do migrante paraguaio trazidas pelo autor em cada obra.

Por último, trazemos algumas considerações sobre a obra e as imagens retratadas sobre o paraguaio na coletânea, a fim de corroborar na desconstrução das imagens estigmatizantes sobre os paraguaios que estão na escola e, conseqüentemente, na sociedade.

A História Revelada Pelo Memorialista Paulo Coelho Machado

Para iniciar essa discussão da história dos paraguaios em Campo Grande uma pergunta vem à tona, por que trabalhar no campo da educação com obras de um memorialista? Compreendemos que trabalhar com um memorialista é reconhecer que as suas obras constroem uma narrativa que consegue atingir e prender a atenção do leitor, buscando retratar e descrever o contexto de uma época. Por ser uma leitura diletante e de fácil acesso tende a chegar a um público maior, bem como a leitores iniciantes e, conseqüentemente, consegue veicular de forma simplista suas noções e visões de mundo.

Centeno (2007) em sua tese de doutorado intitulada “Educação e fronteira com o Paraguai na historiografia mato-grossense (1870-1950)”, aborda a importância de trabalhar com memorialistas, pelo levantamento de fontes orais e acontecimentos regionais que contribui para a constituição da história, observa que

[...] os memorialistas, envolveram-se diretamente com as questões tratadas, foram protagonistas dos relatos e registraram impressões sobre o passado próximo ou sobre o presente, com base em suas lembranças, sem a pretensão de abordar a história de forma sistemática. Geralmente, escreveram sob a forma de crônicas e consultaram, sobretudo, fontes orais. Não revelaram rigor nas citações de suas fontes ou omitiram-nas inteiramente, o que não significa desinformação nem ausência de consultas, inclusive, às fontes escritas. (CENTENO, 2007, p.33).

Segundo Alves (2003) os memorialistas são colocados como “historiadores diletantes”, uma categoria utilizada pelo autor para descrever intelectuais externos ao campo acadêmico, mas que a partir de sua formação produzem obras de cunho histórico pelo prazer de registrar suas memórias. Os memorialistas, para o referido autor são considerados cronistas regionais, possuem uma relevância nos seus trabalhos, ao relatarem situações vividas por seus personagens que contribuem na construção da história, pois ainda são poucos os trabalhos que tiveram como objeto o estudo a historiografia regional.

A escolha do escritor Paulo Coelho Machado se deu pela sua representatividade na sociedade campo-grandense e por seu trabalho realizado como um dos principais memorialistas regional, que reuniu em seus escritos um grande número de informações reconstruindo a trajetória histórica das principais ruas da capital e dos seus primeiros moradores.

Paulo Coelho Machado é oriundo de uma família economicamente favorecida, formou-se em Direito pela Faculdade Fluminense no Rio de Janeiro, foi professor, oficial da reserva (segundo tenente, CPOR), promotor e auditor substituto da Justiça Militar da 9ª Região e pecuarista, que lhe garantiu diversos prêmios na área.

Exerceu diversas vezes o cargo de presidente em diferentes entidades de classe sociais, como: Associação dos criadores do Sul de Mato Grosso, Cruz Vermelha de Campo Grande. Rotary Clube de Campo Grande, entre outras. Por duas vezes exerceu o cargo de vereador na Câmara Municipal de Campo Grande e foi membro fundador da Academia Sul Mato-Grossense de Letras. Recebeu várias condecorações e prêmios pelos trabalhos realizados e pela sua representatividade dentro da sociedade.

As obras são descritas em tópicos que trazem as trajetórias de personalidades da época e, ou fatos importantes que ocorreram e que permaneceram na memória das pessoas entrevistadas pelo referido autor na coleta de dados orais.

Ao analisarmos as cinco obras constatamos o rigor do memorialista em sistematizar as informações obtidas pelos registros orais de uma forma clara e objetiva, utilizando-se de uma linguagem fluente e leve em forma de narrativa.

Em entrevista ao escritor Campestrini (ARCA, 1998, p. 02), Paulo Coelho Machado coloca a sua preocupação em manter um rigor na pesquisa:

O pesquisador deve ser teimoso, pois encontra sempre dificuldades em seu trabalho. Tenho que recorrer à tradições orais e, por isso, estou constantemente preocupado com a confirmação de outras pessoas, muitas vezes com versões diferentes. Encontrar as pessoas aptas a fornecer as informações é outro obstáculo sério.

Os textos apresentados na coletânea despertam as curiosidades do leitor por terem sido descritos por pessoas representativas no contexto social, e por isso desses textos possuem teor de credibilidade na população, com suas afirmações se transformando em história.

A seguir trazemos uma breve descrição e análise dos cinco livros do memorialista Paulo Coelho Machado, cada tópico recebeu os títulos dados aos livros e subtítulos pertinentes ao objeto de estudo desse artigo, qual seja, o homem paraguaio.

A Rua Velha: Os Paraguaios Dentro de um Contexto de Social

O primeiro tópico desse artigo analisa a primeira obra da coletânea Pelas Ruas de Campo Grande, a Rua Velha, que hoje se denomina Rua 26 de Agosto. A escrita tem um estilo regional, com uma linguagem leve e fluente que a torna uma leitura diletante, ou seja, uma leitura prazerosa.

Na obra são apresentados oitenta e seis tópicos em que o autor descreve por meio das narrativas colhidas a imensa riqueza das vivências dos pioneiros e dos primeiros habitantes da primeira rua de Campo Grande. A descrição revela informações detalhadas sobre a cultura e as tradições dos seus primeiros moradores entre os anos de 1875 a 1916.

Nesse livro o memorialista Paulo Coelho Machado nos apresenta como ocorreu a constituição e o desenvolvimento da Vila de Santo Antonio do Campo Grande, apresentando as primeiras autoridades, indústrias, fazendas, casas comerciais e as trajetórias das principais famílias da sociedade campo-grandense pelos fatos narrados no decorrer da obra. Constitui-se em informações nas quais são apresentados os fatores históricos que contribuíram para a expansão e progresso em torno da referida cidade.

Está assim a Rua 26 de Agosto intimamente ligada à fundação de Campo Grande, pois, próximos a ela, foram construídos os primeiros ranchos, tão logo aqui chegou a grande caravana mineira, na segunda viagem de José Antonio, em 1875. (MACHADO, 2008, p. 23).

Diversos migrantes nacionais e internacionais são mencionados, os migrantes paraguaios também são retratados, todavia como sujeitos sem valores e discriminados, sempre

que citados estão ligados a fatos depreciativos para uma sociedade, como a morte, o jogo, as arruaças, entre outros.

O paraguaio é descrito como um sujeito agressivo, marginalizado, sem valores morais e não possuindo uma representatividade na sociedade, sempre tratando-o como um sujeito comum, assim descrito pelo memorialista:

As arruaças eram constantes. Certa vez, em frente à casa onde as filhas da Viuvona estavam à janela a apreciar o movimento da rua, passavam quatro cavaleiros. Nisso, o burro empacou. O cavaleiro desmontou e começou a espancar o teimoso animal. Geraldina, a filha mais bonita da Viuvona, irritou-se com o fato e manifestou logo o seu desagrado ao Capitão João Machado, um guasco barulhento que, para fazer bonito para a moça, descarregou o revólver no paraguaio. O patrão deste, pai de Apulcro Brasil, por sinal exímio tocador de flauta e bandolim, que aqui viveu por largos anos e que não era de briga, determinou a remoção do cadáver em uma rede e o fez enterrar no cemitério de Bandeirantes. E o movimento continuou, como se nada houvesse ocorrido. (MACHADO, 2007, p. 50).

Em outro momento narra o autor que na busca de melhores oportunidades muitas mulheres paraguaias vieram para Campo Grande, que no período apresentava um forte desenvolvimento social e econômico, mas na obra apenas é retratado o trabalho nas casas de meretrício como profissional do sexo, sem observar que muitas também tinham outras formas de trabalho, como os trabalhos em casas de família, como domésticas, por exemplo.

A cidade beneficiou-se grandemente com a nova forma de comercialização. Novos bares e estalagens foram abertos, casas de tavernagem, cabarés nasciam a todo instante, ao lado do comércio de gêneros alimentícios, armazéns, bazares, entre outros que se foram aperfeiçoando. Mulheres de todas as partes procuravam a cidade, onde corria o dinheiro a rodo. Logo começaram a chegar também as jovens paraguaias, internacionalizando e valorizando a zona campo-grandense. Frescas, bonitas, amoráveis, desinibidas, falando e ensinando carinhosamente o guarani, chamando toda gente de “che cambá”, trouxeram a polca e a dolente guarania, logo incorporadas ao nosso folclore, cantadas ao violão dia e noite. (MACHADO, 2007, p. 56).

A mulher na obra acaba sendo retratada somente como meretriz, sem considerar as condições reais que as submeteram a prostituição. Nestes idos, o Paraguai país de origem, foi assolado primeiro pela guerra de 1870 e depois por diversos conflitos políticos, que resultaram na migração forçada de sua população.

É notório que o Paraguai teve a população masculina dizimada após a guerra e nos conflitos políticos o trabalho tornou-se escasso e os paraguaios migraram para outros países na busca de melhores condições de sobrevivência, colocando em muitas famílias paraguaias a responsabilidade da mulher prover o lar.

Segundo Correia (1995, p.156), “[...] a república do Paraguai foi continuamente convulsionada por movimentos revolucionários provocando, por vezes, um fluxo migratório

para o lado brasileiro da fronteira”, e, a partir da região da fronteira muitos paraguaios vieram para Campo Grande, que estava num período de crescente desenvolvimento.

Em síntese, nessa obra constatamos apenas que imagens negativas foram associadas ao povo paraguaio, evidenciando que a sociedade campo-grandense via esse grupo de migrantes como a escória da sociedade, sem considerar a história social do paraguaio e do Paraguai. É notório que subjazem a essas imagens, a rivalidade dos povos provocadas pela guerra (1864-1870), quando predominou interesses imperialistas e o povo paraguaio mostrou-se resistente às políticas da época. Enfim paira uma dúvida para aprofundarmos em estudos acadêmicos: os conflitos advindos da Guerra do Paraguai não gerou na população brasileira e paraguaia uma rivalidade inconsciente?

A Rua Principal: Um Comerciante Paraguaio Dentro da Sociedade Campo-Grandense

Nesse tópico analisaremos a segunda obra da coletânea intitulada a Rua Principal, que atualmente designa-se Rua 14 de Julho. São relatados os fatos que a consagraram como a principal rua comercial da cidade de Campo Grande, estabeleceram-se nela as principais casas comerciais que abasteciam a região e todo sul do estado.

São sessenta e sete tópicos que descrevem o desenvolvimento econômico e social da rua, trazendo a história dos principais comerciantes e personalidades que contribuíram para o desenvolvimento da capital entre os anos de 1914 a 1975.

Dentre essas personalidades e comerciantes é apresentado no tópico 55 o Sr. Mauricio Cantero, um migrante paraguaio que chegara ao Brasil em 1933 a procura de um tio. É retratado como um homem trabalhador e que pelo seu trabalho no comércio de artefatos em couro alcançou o prestígio e o reconhecimento na sociedade campo-grandense.

Seu primeiro emprego foi na selaria Mexicana, de Altamiro Rosa dos Santos, na Rua 14. Sentindo-se apto a trabalhar por conta própria, reuniu as economias e adquiriu algumas máquinas, esteve provisoriamente na Rua Antonio Maria Coelho, mudando-se para a Rua 14; a princípio com duas portas, numa grande casa, que fora hotel. Depois, foi alugando outros cômodos, até ocupar o prédio inteiro. Seus anos de ouro estão na década de 70, quando fabricava tipos de artefatos de couro procurados pelo homem do campo: arreios completos, de diversos modelos, selas mexicanas, capas de chuva, palas, redes, malas de couro, pastas, tudo de excelente qualidade. (MACHADO, 2008, p. 182).

Cantero como era conhecido pela sociedade na época foi um homem retratado como determinado e honesto, trabalhava por horas incansáveis, até conseguir montar sua própria loja de artigos de couro. Para um paraguaio que chegara sem dinheiro e sem profissão

em um lugar desconhecido foi difícil, mas com muito trabalho e dedicação foi conquistando seu espaço e respeito na sociedade na ótica do autor.

Porém, o memorialista também enfatiza o gosto do paraguaio pelo jogo nos seus momentos de lazer como: as rinhas de galo, as corridas de cavalo, entre outros.

Canteiro trabalhava duro, mas apreciava os momentos de lazer. Aos domingos, nos jogos do Operário, não faltava ao estádio. Frequentava também o rinheiro na vila Sobrinho, no local denominado Beco Quente. Muitas vitórias lhe deu o famoso galo, de penas azuladas e brilhantes, crioulo dele, conhecido por Cantero Kid. Era imbatível. (MACHADO, 2008, p. 182).

Outro ponto analisado neste tópico é o sentimento de pertencimento que o migrante paraguaio Mauricio Canteiro estabeleceu com a cidade de Campo Grande. Aqui ele constituiu a sua família e obteve reconhecimento social e econômico, tornou-se um pecuarista, recusando algumas vezes retornar a viver no seu país de origem, indo apenas a passeio.

Em síntese, nessa obra o memorialista Paulo Coelho Machado retratou um paraguaio proprietário que se integrou a sociedade campo-grandense fazendo desse local sua pátria, mas analisando a história da cidade de Campo Grande observamos que o fluxo migratório de paraguaios foi muito grande, e eles contribuíram anonimamente para o desenvolvimento da capital e não obtiveram reconhecimento social e econômico dentro da sua história.

A Rua Barão: A Invisibilidade do Paraguaio

Esse tópico trata-se da Rua Barão do Rio Branco que, segundo o memorialista Paulo Coelho Machado, é uma das ruas mais antigas da cidade, na qual nunca mudou de nome. A rua já foi exclusivamente residencial, e hoje se apresenta como um grande corredor marcado pelo comércio.

Esta rua nunca mudou de nome desde sua projeção em 1909. Falava-se, abreviadamente, Rua Rio Branco ou Rua Barão. Está situada no coração da cidade. Já foi estritamente residencial. Hoje, as raras moradias misturam-se com as lojas, escritórios e agências bancárias. (MACHADO, 2008, p. 209).

O memorialista em sua obra procura reportar em quarenta e seis tópicos o cotidiano social das pessoas de famílias ilustres as pessoas comuns que fizeram parte da história dessa rua entre os anos de 1909 a 1950.

O autor recorre à tradição oral na busca de lembranças e informações sobre os aspectos físicos e sociais dos vários personagens que fizeram parte da história da rua, sendo

sua trajetória histórica e cultural caracterizado por vários grupos de imigrantes, entre eles, os portugueses, os italianos, os sírio-libaneses, não mencionando a existência de migrantes paraguaios como residentes nessa rua.

Entretanto, ao analisar a obra encontramos apenas uma referência sobre o imigrante paraguaio, entre tantas outras personalidades campo-grandense, em que a narrativa acontece dentro de uma casa de jogos.

O homem paraguaio em relação a outros imigrantes apresenta-se culturalmente desprestigiado e visto com desconfiança e preconceito, conforme se observa na narrativa do autor.

Apareceu na cidade um paraguaio bem trajado, maneiras educadas, polido, mãos finas, unhas esmaltadas, dizendo-se comerciante em sua terra e que pretendia abrir um estabelecimento moderno em Campo Grande. Fez algumas relações com os negociantes locais e começou a freqüentar a Gruta Baiana para as refeições e depois para o jogo. Chamava-se Emilio Santa Cruz. Era um verdadeiro pato gordo no jogo. (MACHADO, 2008, p. 223).

Assim, as relações sociais são determinadas por diferentes campos, consideradas superiores ou inferiores pelos sujeitos sociais, sendo que as hierarquias simbólicas operam, definindo dominantes e dominados, conforme seu capital cultural. Para Bourdieu (apud NOGUEIRA, 2006, p. 34) “[...] o espaço social, é um espaço de lutas, por isso a importância da cultura como exercício de legitimação de um grupo sobre os outros”.

Em resumo, nessa obra novamente constatamos a imagem deteriorada do migrante, com requinte descritivo o autor narra o paraguaio e o associa apenas a conceitos de desonestidade e uma esperteza imoral.

A Rua Alegre: A Cultura Paraguaia Entrelaçada nas Suas Memórias

O livro que será focalizado nesse tópico aborda a Rua Alegre, do início do século XX a década de 1940, é descrito o cotidiano brasileiro com influências dos contextos políticos e econômicos nacionais e mundiais, ou seja, diversos assuntos nessa rua são abordados. Na realidade é uma rua retratada como um ponto de diversão e discussões de vários assuntos que mexiam com os interesses das elites locais, como os sistemas totalitaristas do período entre guerras, o getulismo no Brasil, etc.

A trajetória histórica da rua é permeada pela “má fama”, ou seja, devido que ali localizavam-se muitos bares e muitas casas de meretrício, como o “Fecha Nunca”. A narrativa de Paulo Coelho Machado sobre o cotidiano na formação desse espaço em torno da Rua

Alegre inicia-se com as proezas de Antonio Brabo um pistoleiro valentão, o modelo de pessoas que ali começaram a freqüentar e a habitar.

O “Fecha Nunca” foi uma casa noturna que marcou época em Campo Grande, estilo cabaré e na época de carnaval tornava-se familiar para bailes, conta também sobre a Viuvona, uma senhora que assim que perdeu o marido fundou uma casa de prostituição junto com as filhas.

Logo após ressalta sobre outros moradores, invasão de bandoleiros, trata também sobre o primeiro cinema dessa rua, e só no tópico 7, denominado a “Alma do Brasil”, o memorialista Paulo Coelho Machado inicia sua narrativa sobre os paraguaios. Destaca primeiramente o modelo de vida das paraguaias em Campo Grande. A Rua Alegre é o título que para o autor que melhor expressa as suas ilustres moradoras, qual seja, as paraguaias.

Com status de cidade, Campo Grande teve largo surto de crescimento em todas as suas áreas, inclusive na zona do meretrício. Na Rua 7 de Setembro abriram-se novos bares e pensões, o mulherio renovou-se e as paraguaias tomaram conta da rua. Bonitas, amáveis, elevaram o nível dos velhos bordéis. (MACHADO, 2008, p. 271).

Ao narrar e exaltar as belezas e trabalhos que as paraguaias exerciam o autor demonstra um modelo de descrição que nos remete à uma imagem estereotipada das mulheres paraguaias. Essa visão não esclarece as razões e situações dessas mulheres terem se estabelecido nesse modelo social, deixando-nos apenas uma visão enviesada e limitada sobre a possibilidade de escolhas dessas migrantes.

A narrativa sobre a Rua Alegre (Rua Sete de Setembro), o autor apresenta também a prosperidade comercial que essa rua possuía e os movimentos urbanos cotidianos. No tópico sobre “O Coronel”, relata a importância política e social desse personagem, ressalta sobre a conduta moral do coronel ao visitar uma velha pensão de moças sob o comando de dona Domísia, apelidada de Bruxa, novamente as paraguaias são mencionadas:

Quando o coronel chegou, a Bruxa chamou-o de lado e segredou-lhe em guarani: “Arecô petei ameheséva ndeve guará (tenho uma surpresa para você), uma maraná yva, uma virgem, que comprei no Paraguai. Uma formosura”. O coronel ficou assanhado. Comprou a menina por um conto e duzentos mil réis, segundo os primitivos frequentadores da Rua 7, logo que Campo Grande deixou a condição de vila. (MACHADO, 2008, p. 274).

Dessa forma, o autor ao fazer referência sobre as paraguaias, não esclarece as questões sociais dessa população quanto às especificidades das convivências em suas trajetórias, notamos apenas descrições, que é o real trabalho de um memorialista, talvez por não apresentar tais análises esse modelo literário propicie a reprodução do *status quo*.

Em relação aos homens paraguaios constata-se que esses aparecem retratados como trabalhadores, pequenos proprietários de estabelecimentos comerciais, como apresentado no tópico “Os Barbeiros”.

Bem mais tarde instalou sua barbearia, com o nome de Salão Rádio, transferida da Rua Calógeras, o paraguaio Mateus Ávalos, atualmente o mais antigo barbeiro de Campo Grande, com o salão na vila sobrinho. (MACHADO, 2008, p. 275).

Nos tópicos “Tragédia de Rochedo” e “Polaca e Cornélia”, Machado destaca os cabarés e as músicas que embalavam as festas com a presença das paraguaias.

Cornélia Barbosa era dona do Dancing Guarani, o cabaré mais alegre e ostentoso da cidade, entre a Rua Calógeras e a 14 de julho, lado par. Casa espaçosa, com grande salão, bar e vários quartos. Vitrola com uma coleção enorme de discos e, de vez em quando, um conjunto típico paraguaio tocava ao vivo as dolentes polcas e guarânias. (MACHADO, 2008, p. 277).

As narrativas das trajetórias da migração paraguaia da Rua Alegre possibilitam compreender o esforço e o compromisso literário do memorialista, em relatar e retratar os significados e sentidos deixados por uma população que viveu e conviveu com prazeres e desprazeres de um tempo reinventado pela memória e deixados na história da formação social campo-grandense.

Numa visão de intruso o estrangeiro paraguaio mostra-se ora tímido, ora participativo, belos e belas conforme a conveniência do povo anfitrião, mas mostra-se, imponente e insistente, agradável e resistente as intempéries de uma nova cultura, muito diferente da sua, mas que acaba por ser introduzida e ressignificada nos costumes dos campo-grandenses.

A Grande Avenida: O Paraguaio Pelas Memórias do Autor

Nesse tópico abordamos a grande Avenida nela Paulo Coelho Machado retrata a trajetória de desenvolvimento da principal via de Campo Grande, a Avenida Afonso Pena, no período entre os anos de 1910 a 1990. A obra abrange setenta e sete tópicos em que o memorialista traça um perfil humano dos moradores da Grande Avenida, bem como os principais pontos turísticos, por exemplo, o Obelisco e a Casa do Artesão.

O memorialista relata a constituição de pontos turísticos, comerciais, à primeira escola, a prefeitura, entre outros. Machado (2008) de forme ufanista enfatizando as relações sociais estabelecidas por meio dos personagens apresentados.

É um dos mais belos bulevares do mundo, lembrando as avenidas de Paris, de Nova Iorque, de São Paulo e Belo Horizonte. Nasceu modesta, com suas quadras que se foram

expandindo celeremente até chegar à magnificência atual, prometendo novas conquistas de embelezamento, que fazem dela o orgulho dos campo-grandenses. (MACHADO, 2008, p. 307).

Um ponto a ser analisado nessa obra são os cinco tópicos em que são retratados o Radio Club, o clube freqüentado pelas melhores famílias da sociedade campo-grandense. Ao tratar do referido clube o memorialista relata os bailes carnavalescos, as festas em datas comemorativas e eventos, entre outros, mas é perceptível a polidez do discurso ao referi-se as brigas entre as pessoas da sua classe social, diferentemente de quando narra sobre o migrante paraguaio quando envolvido em brigas.

Era uma forma de descarregar as tensões emocionais, de desabafar, sinalizando a alegria incontida e indisciplinada do homem do campo, acompanhando, muitas as vezes, por alguns palavrões desnecessários, mas pronunciados sem maldade e também sem hipocrisia. (MACHADO, 2008. p. 340).

Na obra observamos as características imbricadas do espaço social em que o autor esta inserido, e como ele retrata esse espaço, valorizando o capital social dos personagens apresentados e a produção das trocas simbólicas para manter-se. Segundo Bourdieu (1983, p. 44) “[...] a obra nasce da relação entre o *habitus* socialmente constituído e uma posição no espaço de produção onde se exprime toda a necessidade presente e passada desse espaço”.

Nessa obra também Machado (2008) traz as suas memórias de infância, quando brincava nas ruas de Campo Grande com crianças paraguaias, considerando-se pertencente a esse grupo, que também o protegiam.

Em terreno mais tarde anexado ao quartel general, morava numa casa de fundos uns paraguaiois. A família contava com três ou quatro meninos entre oito e doze anos de idade. O mais velho chamava-se Saturnino e liderava um grupo de infantes que ali jogavam bola-de-gude, pião, malha e treinaram a esgrima com espada e floretes de madeira ou lata. Eu frequentava a casa e pertencia o grupo de Saturnino, nos meus nove ou dez anos de idade. (MACHADO, 2008, p. 311).

Certa vez Paulo Coelho Machado teve sua bicicleta furtada e posteriormente, descobriu o autor do feito e recuperou sua bicicleta. Após o ocorrido sofreu agressão do menino que furtara sua bicicleta em companhia de outros meninos. Então correu em socorro a Saturnino e seu grupo que prontamente o atendeu, armados das melhores espadas deram caça aos agressores que fugiram e não mais o molestaram.

Nesse caso, podemos compreender que as relações vivenciadas pelo autor com os paraguaiois eram amistosas, criavam-se vínculos de amizade e na infância as brincadeiras possibilitavam superar as diferenças.

Considerações Finais

Nesse artigo buscamos compreender como o paraguaio aparece na obra do memorialista Paulo Coelho Machado.

Embora nossa abordagem tenha encontrado vários aspectos depreciativos e estigmatizantes em relação aos paraguaios, isto posto, em relação ao preconceito que os brasileiros demonstravam na descrição do autor, não podemos ignorar que esses elementos compõem a identidade social dos paraguaios, e, portanto merece ser discutida na educação.

Consideramos também que os cuidados em preservar a memória de um grupo humano são dignos de admiração e respeito, embora nas análises das obras foram encontrados vários aspectos instigantes aos estudos acadêmicos no que tange aos paraguaios, ou seja, as memórias do autor em estudo são prenhes de preconceitos e estigmatizações, e certamente não devem ser reportadas a história-social destes migrantes.

Além disso, os elementos de discriminação que foram focalizados claramente na coletânea sobre a identidade social dos paraguaios encontram ressonância na análise de Centeno (2008, p. 223) ao observar os riscos de fazer um trabalho apoiado em obras memorialísticas:

[...] de fato, a contribuição é significativa. Mas, como qualquer tipo de fonte, acentue-se que devem ser confrontados com outros documentos e interpretados à luz de ferramentas teóricas. A fonte, seja ela escrita ou não, é um registro da história que precisa ser analisada com o recurso da teoria. Sem essa análise, é comum que se caia numa concepção positivista que vê o documento como um registro que desvende imediatamente a verdade. Portanto, basta reproduzi-lo. Mas o próprio registro de um dado é marcado por particulares motivações históricas, isto é, as fontes são registros de ações humanas, condicionadas por interesses de classes.

Nossos estudos pautaram-se não só na visão literária de um memorialista em seu tempo, o qual percorreu quase todo século XX, mas também na observação das diferentes perspectivas, que permeiam uma pesquisa científica ao relatar, descrever, com ou sem compromisso com a historiografia os sentidos e significados das vivências dos migrantes. O que nos cabe futuramente, como estudiosos e aplicadores das teorias de Pierre Bourdieu na educação, é entender as representações de tais obras para os educandos, o que poderá superar ou perpetuar o *status quo*.

Em suma, nosso intuito nesse artigo foi realizar uma primeira aproximação das obras de Machado (2008) sobre os paraguaios, que nos forneceu uma visão de mundo a partir de sua narrativa. Compreendemos que a postura da produção acadêmica deve precaver-se situando a visão de mundo do memorialista, a qual expressa as representações de um tempo com seus símbolos e significados de sua posição social e tudo que dela advém, existindo

[...] a relação entre o mundo social e as obras culturais na lógica do reflexo, vincula diretamente as obras às características sociais dos autores (à sua origem social) ou dos grupos que eram seus destinatários reais e supostos, e cujas expectativas eles supostamente atendem. (BOURDIEU, 1996, p. 58).

Por último fica a nossa preocupação com os leitores “desavisados” ou com “os apaixonados pelas obras diletantes” que por não possuírem informações sobre as especificidades das obras de memorialistas correm o risco da reprodução de forma acrítica as representações sobre os paraguaios expressas pelo autor. Segundo Alves (2003, p. 20) “[...] os estudos que caem no regionalismo e certos esteriótipos do senso comum negam as identidades que nos marcam, a nós e a nossos vizinhos; cavam um fosso, reforçando, portanto, o estranhamento entre povos”.

Essa preocupação se prende, sobretudo ao fato dessa coletânea ter sido enviada à várias escolas de Campo Grande e leitores sem a devida orientação podem incorrer no senso comum e reforçar preconceitos. O ideal seria que com a Coletânea fosse também um “guia - orientador literário” explicando aos educadores a importância da obra, com elementos críticos para a discussão sobre a composição étnica de Campo Grande.

Referências

ALVES, G. L. Nacional e regional na historiografia educacional brasileira: uma análise sob a ótica dos estados mato-grossenses. In: ALVES, Gilberto Luiz. **Mato Grosso do Sul: o universal e o singular**. Campo Grande, MS: Editora UNIDERP, 2003.

ARRUDA, G. . Os homens e suas armas: Campo Grande e o processo civilizatório. **Diálogos** (Maringá), Maringá, v. 2, p. 153-169, 1999.

CAMPESTRINI, H. “O Cronista da cidade”. Revista de divulgação do Arquivo Histórico de Campo Grande-MS/**ARCA**, n. 6. Campo Grande: UFMS, 1998. p. 6-10.

BOURDIEU, P. **A miséria do mundo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

BOURDIEU, P; PASSERON, J. C. **A reprodução**. Elementos para uma teoria do sistema de ensino. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1975.

BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Tradução Fernando Tomaz. 7. ed. Rio de Janeiro, RJ.: Bertrand Brasil, 2004.

CENTENO, C. V. **Educação e fronteira com o paraguai na historiografia mato-grossense (1870-1950)**. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação. Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2007.

CORRÊA, V. B.. **Coronéis e bandidos em Mato Grosso (1889-1943)**. Campo Grande, MS: Editora UFMS, 1995.

CUNHA, F. A. M. **Campo Grande, 100 anos de construção**: Campo Grande, MS: Matriz, 1999.

GOFFMAN, E. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro, RJ: LTC/AS, 1998

MACHADO, P. C. **Pelas Ruas de Campo Grande**. 2. ed. Campo Grande, MS:. Fundação de Cultura de Mato Grosso do Sul, 2008.

MARTINS, M. M. V. Bourdieu e o fenômeno estético: ganhos e limites de seu conceito de campo literário. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 19, n. 56, p. 63-74, 2004.

NOGUEIRA, M. A.; NOGUEIRA, C.M. **Bourdieu e a educação**. 2. ed. Belo Horizonte: Autentica, 2006.